

Adeus a Lourenço Diaféria

Rosani Abou Adal

O escritor, cronista, contista, novelista, autor de histórias infantis e jornalista Lourenço Diaféria faleceu no dia 16 de setembro, em São Paulo, vítima de um infarto. O autor de *Mesmo a Noite Sem Luar Tem Luar* deixou a viúva, Geiza Diaféria, cinco filhos e três netos.

Diaféria nasceu e foi criado no bairro do Brás, em 28 de agosto de 1933. Filho do italiano Felipe Diaféria e da portuguesa Maria de Jesus Cabral foi batizado na igreja de Santo Antônio do Pari.

Fez o curso primário na Escola Regina Margarita. Estudou no Grupo Escolar Romão Puigari, Colégio Estadual Presidente Roosevelt e Escola Maria José.

O autor de *Brás – sotaques e Desmemórias* foi cronista do jornal *Folha de S. Paulo*, *Jornal da Tarde* e *Diário Popular*. Colaborou no *Diário do Grande ABC*, nas rádios Excelsior, Gazeta, Record, Bandeirantes e para a Rede Globo. Aposentou-se como fiscal de rendas do Estado de São Paulo.

Em 1964 escreveu a primeira crônica assinada, *Recado Urgente*, na *Folha da Manhã*. Em 1977 foi preso e processado, com base na Lei de Segurança Nacional, pela publicação da crônica *Herói. Morto. Nós*, no caderno *Ilustrada*, da *Folha de S. Paulo*, considerada ofensiva às Forças Armadas. Em 1980 ele foi absolvido pelo Supremo Tribunal Federal.

Lourenço Diaféria achava importante ter nascido no bairro do Brás. Em nota no seu livro *Invisível Cavalador*, infantil-juvenil, Editora FTD, ele afirmou que “somente no Brás a gente da minha idade tinha laranjais em flor o ano inteiro”.



Lourenço Diaféria

Na obra *Brás – sotaques e desmemórias*, Boitempo Editorial, série Trilhas da coleção Paulicéia, Diaféria retratou o bairro do Brás em forma de testemunho, sem falsos saudosismos e sentimentalismos. Destacou os sotaques dos moradores do bairro do Brás desde os portugueses, espanhóis e italianos do início do século XX até os nordestinos. O livro foi ilustrado com fotos antigas e modernas do bairro e de sua gente.

Diaféria descreveu os milagres do Padre Eustáquio, o assassinato do sapateiro Martinez durante a greve de 1917, as pernas de Isaurinha Garcia, as pizzas do restaurante Castelões e as lojas do Brás. Diaféria preferiu chamar suas lembranças de desmemórias.

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista, publicitária e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

Instituto Histórico e Geográfico Presta Homenagem a jornalistas

Nelly Martins Ferreira Candeias

No dia 27 de agosto, ao comemorar os 200 Anos da Imprensa Régia e os 100 da Associação Brasileira de Imprensa, vários jornalistas foram homenageados em cerimônia realizada no auditório do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo: Maurício Azêdo, presidente da ABI, Paulo Markun, diretor-presidente da Fundação Padre Anchieta e Audálio Dantas, vice-presidente da ABI e presidente em São Paulo, receberam o Colar do Bicentenário da Vinda da Família Real para o Brasil.

Ao deputado João Mellão Neto outorgou-se o Colar do Centenário por ter criado o projeto de lei 313/2008, que visa a atribuir auxílio financeiro aos IHGs de São Paulo, com especial atenção ao IHGSP, criado em 1894, no Salão Nobre da Faculdade de Direito.

Dez jornalistas receberam o diploma do IHGSP por sua meritória contribuição: Caio Porfírio Carneiro, Geraldo Nunes, Gioconda Bordon, João Gualberto de Carvalho Meneses, José Marques de Melo, Luthero Maynard, Mário Porfírio Rodrigues, Reginaldo Dutra, Rosani Abou Adal e Sergio Gomes da Silva.

Ao organizar a cerimônia, conjuntamente com Rodolfo Konder, Carlos Taufic Haddad e Hernâni Donato, tive a oportunidade de ler a biografia de cada um dos homenageados. Surpreendi-me com a trajetória de vida de Rosani Abou Adal - editora do jornal literário *Linguagem Viva*, fundado por ela e Adriano Nogueira, em 1989, o qual circula mensalmente sem interromper a periodicidade.



Paulo Markun, Nelly Candeias, Maurício Azêdo, Audálio Dantas e Hernâni Donato

Raro exemplo de talento e tenacidade. Nelly Novais Coelho, no Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras, cita os seguintes versos de Rosani: “há momentos em que me sinto/ tão forte quanto as montanhas do Tibet (...)”. Assim considere nossa homenageada. Faz-me lembrar a mulher tibetana, que recentemente levou a tocha olímpica ao topo do monte Everest, para alegria do povo chinês.



Carlos Haddad representou o diretor-presidente da Imprensa Oficial, prof. Hubert Alquéres.



Nelly Martins Ferreira Candeias e Rosani Abou Adal

Na vida muitos tentam e poucos alcançam. E os que atingem os mais elevados picos das montanhas sagradas - o teto do mundo, são pessoas abençoadas, porque concretizam os sonhos de muitas outras e com elas compartilham suas excepcionais qualidades.

Nelly Martins Ferreira Candeias é presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Professora Titular da Universidade de São Paulo.

Editorial



Linguagem Viva está completando 19 anos de circulação ininterrupta em setembro. Estamos comemorando com uma edição especial em cores.

Começamos com a linotipia, impressão a quente e com os tipos de *Didot* para composição dos títulos, pois não tínhamos tituleira. Depois veio a composição eletrônica e a prova em papel vegetal, entretanto o processo de impressão era o mesmo. Mais tarde mudamos para a impressão em off-set, então surgiu o fotolito e a informatização. Em seguida passamos para a impressão em rotativa.

Aos 19 anos demos um novo passo: a impressão em cores. Almejamos buscar patrocínios para dar continuidade a esse novo trabalho.

Linguagem Viva tem como meta o crescente trabalho em prol da democratização da leitura, objetivando levar a informação a um número cada vez maior de leitores.

Conseguimos sobreviver todos esses anos, porque temos uma equipe de colaboradores altamente qualificados e contamos com o apoio de nossos anunciantes e da *Tribuna Piracicabana* – parceira desde o primeiro número -, que imprime e encarte o jornal.

A principal razão para circularmos durante esses 19 anos é o leitor, porque nenhum veículo sobrevive sem ele. Os leitores também são a alma do negócio dos nossos clientes.

Nesses 19 anos de vida damos os parabéns, a você, **leitor**, que mantém acessa a chama nos nossos corações – do *Linguagem Viva*, clientes, amigos e colaboradores.

Viva!

O AI-5 faz 40 anos

Rodolfo Konder



O regime militar imposto por um golpe, em 1964, mostrava sinais de cansaço. Grandes passeatas, nas ruas, exigiam a volta da democracia. Então, os militares mais radicais, da chamada “linha dura”, impuseram o AI-5 - o Ato Institucional nº5. Era um golpe dentro do golpe. Intensificaram a repressão, as perseguições políticas, a censura. Restringiram com violência o pouco espaço de liberdade que ainda restava no país. Vivemos horas cinzentas, um tempo de farsa e tragédia, de insegurança e medo, no Brasil daqueles anos de chumbo.

Alguém ainda se lembra? Alguém se lembra da ação permanente e estúpida da censura, que golpeava jornais, revistas, estações de rádio e de televisão? Dos censores que confundiam livros sobre cubismo com propaganda de Fidel Castro? Alguém se lembra das prisões sem processo, das ameaças permanentes que pendiam sobre nossas cabeças, como espadas de fogo? Das incertezas provocadas pela falta de um Estado de Direito claro e inquestionável? De um país amordaçado, de uma sociedade amedrontada? De um mundo dominado pelo ódio?

A partir de dezembro de 1968, o país mergulhou na mais completa escuridão, com o AI-5. Saiu da penumbra para entrar na escuridão. Alguns grupos isolados pegaram em armas para combater o regime militar. Um grave equívoco. Contribuíram assim para fortalecer a repressão – e logo foram eliminados.

Os defensores da democracia, na sua maioria, optaram por enfrentar a ditadura sempre pelo caminho da articulação política, sem armas na mão. Foram perseguidos, presos, alguns se exilaram, outros “desapareceram”. Muitos foram mortos, como o jornalista Vladimir Herzog e o operário Manoel Fiel Filho. Outros ainda ficaram desfigurados pela humilhação e pela tortura.

Nada, absolutamente nada justifica uma ditadura. Os fins não justificam os meios, como dizem alguns estúpidos defensores do autoritarismo. Ao contrário, meios imorais poluem e conspurcam os fins, destruindo-os.

Com o tempo e a resistência dos democratas, o regime perdeu força, dividido e fragilizado. Perdeu o fôlego, isolado. A economia enfraqueceu-se, o setor militar mais moderado, liderado pelo Presidente Ernesto Geisel, adotou uma política de abertura, “lenta, gradual e segura”. No governo do seu sucessor, o general Figueiredo, os brasileiros finalmente reconquistaram a democracia e a liberdade. Foram vinte anos de ditadura, num mundo dominado pela Guerra Fria e numa América Latina onde o medo moldou diversos regimes de exceção.

Não podemos esquecer. **Ditadura, nunca mais.**

Rodolfo Konder é escritor, professor, jornalista, tradutor, diretor do MASP e diretor cultural da UNIFMU.



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 48,00

Assinatura Semestral: R\$ 24,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – CCM: 96954744 – I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

ROBERTO SCARANO

ADVOGADO
OAB-SP 47239

Trabalhista, Cível, Família, Execuções

Rua Major Basílio, 441 - Cj. 10/11 - Mooca - SP

Tel: 6601-2200 / Cel: 8536-9992

scaranor@terra.com.br

UM POEMA ÉPICO-LÍRICO

Fernando Py

O rio Loire é o mais extenso da França [1.012km]. Nasce no maciço central, corre basicamente de Sul para Norte, descreve uma grande curva, onde alcança Orléans, e se inclina para o oeste, descendo para o Oceano Atlântico, onde desemboca. De grande importância econômica, política e intelectual, já foi chamado “rio de poetas e de príncipes”. Não é de admirar que uma escritora brasileira se encantasse com sua história e seu viés artístico, sobre ele escrevendo um longo poema. Temos a satisfação de apresentar aos leitores **O Loire** – poema fluvial da França, de Alice Spíndola [Goiânia: Kelps, 2005/2006]. Trata-se de um texto basicamente lírico, mostrando todos os arroubos de entusiasmo despertados pela natureza e pela tradição que o Loire carrega, fascínio a que não está ausente um legítimo tom de epopéia, que tantas vezes acompanha, nos dias de hoje, um longo poema, num cantar que a própria autora denomina “saga”, ou seja, o motivo histórico se entremeia no canto. Pela estrutura, o poema divide-se em um prelúdio, um interlúdio e um poslúdio. No prelúdio, que dá título ao volume, a autora se dirige ao próprio rio [“tu nascas e renasces a cada segundo”, “carregas o mistério de muito nós / que o deus-oceano enlaçou em teu leito [...] até a fronteira última do trajeto fluvial”]. A seguir, vai enumerando paisagens e tipos de pessoas que o rio vai encontrando pelo caminho, e sua trajetória cria uma atmosfera de magia e cumplicidade que a autora sabe muito bem aproveitar para maior lucro poético. Além de acom-

panhar o caminho fluvial passo a passo, Alice Spíndola sabe extrair o que houver de poesia da narrativa em versos, coisa não muito fácil de obter e que ela consegue mediante a contenção verbal e o manejo extraordinário dos versos irregularmente dispostos nas páginas [com ondas a se deslocarem no leito de um rio], quase sempre se dirigindo ao próprio Loire. Um menino e um avô assumem, por vezes, essas falas ao rio, e o poema se faz mais vibrátil e pleno de emoção, sobretudo quando a autora se refere às guerras que o vale do Loire já assistiu. No interlúdio, Alice Spíndola canta “a saga / de um menino / que ouve o canto / de um pássaro” e, assim, associa a infância à celebração do rio. E nessa ocasião que volta a intervir o avô, numa ligação que vai construindo a juventude, que aspira a conquistar outros horizontes [Mediterrâneo, África]. O poema também adquire recortes de escrita visual [texto em forma de bomba, p. 190]. Finalmente, o poslúdio trata das relações da França e do Brasil, no caso da autora. Alice Spíndola acentua, através de referências a poetas, sua admiração pelo poeta, ensaísta e tradutor Jean-Paul Mestas, a quem dedica o livro. Embora parisiense de nascimento, Mestas pertence a uma família natural da região central da França, berço do Loire: Auvergne, Limousin, Périgord. Desse modo, o cântico ao Loire é também uma homenagem ao poeta, que já traduziu diversos poemas brasileiros para o francês.

Fernando Py é escritor e crítico literário.



Trajetória Literária do Grupo Livrespaço

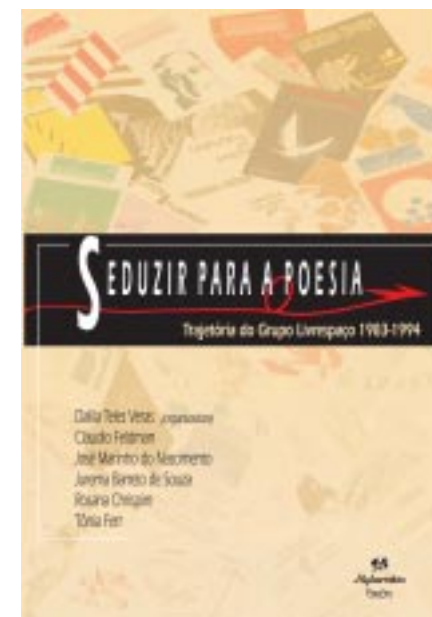
Antonio Possidonio Sampaio

Não foram somente as lutas operárias e sindicais que no final da década de 70 e começo da seguinte tornaram o ABC paulista conhecido em todo o Brasil, com repercussão no exterior. Um grupo literário, o *Livrespaço*, que atuou na região entre 1983 a 1994, também ganhou notoriedade, graças à forma de atuação de seus membros que agora começa a vir a público com maior visibilidade, além do que dele se conhecia.

Para comemorar o 25º aniversário de sua fundação, seis poetas remanescentes do Grupo, inicialmente composto de dez membros, acabam de lançar o livro *Seduzir para a Poesia – trajetória do Grupo Livrespaço- 1983-1994* (Ed. Livrespaço, Santo André, 2008), de Dalila Teles Veras (org.), Cláudio Feldman, José Marinho do Nascimento, Jurema Barreto de Souza, Rosana Chrispim e Tônia Ferr.

O lançamento do livro é parte da comemoração do 25º aniversário do *Grupo Livrespaço*, objeto de uma exposição no Museu de Santo André, iniciada em 9 de setembro com duração até 11 de outubro, aberta à visitação pública e eventos referentes à trajetória do Grupo (www.alpharrabio.com.br).

O fazer poético, formação de leitores junto à rede escolar, divulgação de trabalhos de seus membros através de obras coletivas e individuais, palestras, participação em mostra de livros e a atuação junto à União Brasileira de Escritores, que na década de 80 manteve um núcleo ativo no ABC, singularizaram a presença do Grupo Livrespaço no cenário da literatura brasileira naqueles anos de lutas.



Essas iniciativas podem ser conferidas em *Seduzir para a Poesia* e nos oito números da Revista *Livrespaço*, que circulou trimestralmente entre janeiro de 1992 e dezembro de 1994, quando recebeu da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) o prêmio de “Melhor Realização Cultural de 1993.”

Escritores como Lygia Fagundes Telles, José Paulo Paes, Ferreira Gullar, Hilda Hilst, Thiago de Mello, Olga Savary, José Mindlin, Luís Alberto de Abreu, Claudio Willer e Uilson Pereira contribuíram para o prestígio alcançando pela Revista *Livrespaço*, que ao lado de *Seduzir para a Poesia e a História da Literatura em Santo André*, registra a boa produção literária em Santo André. O *Grupo Livrespaço* representa uma presença fundamental para a constituição dessa história em curso.

Antonio Possidonio Sampaio, escritor e advogado, é autor de *Em Busca dos Companheiros*, entre outros livros.



A Editora Miracle tem o prazer de informar que está com uma agitação cultural para edição de livros, revistas e jornais.

Mande sua publicação para um orçamento sem compromisso.

Av. Bispo Cesar Dacorso Filho, 220 - 09624-000
São Bernardo do Campo - SP. Tel. 4365-2676
www.editoramiracle.com - miracle_editora@hotmail.com

A Editora Olho d'Água

Parabeniza *Linguagem Viva* por mais um ano de serviço à cultura brasileira.

Acompanhe nossos lançamentos

em www.olhodagua.com.br



Um Homem Obstinado

Angelo Caio Mendes Corrêa Junior

Pouco antes de sua morte, em 11 de novembro de 1998, exatamente um mês antes de completar um século de existência, ouvi de meu avô paterno, Angelo Mendes Corrêa, uma frase muito marcante que meu deu a dimensão de seu amor à vida: “nasci no século XIX, estou vendo o século XX terminar e atravessando o milênio, serei um homem de três séculos.”

Nascido a 11 de novembro de 1898, numa São Paulo ainda bastante provinciana, na casa de seu primo João Mendes de Almeida, jurista, político e líder abolicionista, ao lado da Igreja de São Gonçalo, atual Praça João Mendes, foram seus pais Manuel Pio Corrêa e Maria do Céu Mendes de Almeida Telles Corrêa. O pai, um dos mais renomados botânicos de nosso país, autor, dentre mais de uma centena de trabalhos científicos, do *Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas*.

Ainda jovem, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde cursou Direito e atuou como jornalista e produtor teatral, convivendo com figuras que se transformaram em lendas de nossa história, tais como o jurista Rui Barbosa, o escritor Lima Barreto, os atores Leopoldo Fróes e Procópio Ferreira e a maestrina Chiquinha Gonzaga, ao lado de quem, aliás, foi um dos fundadores da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais).

Em 1924, de volta a São Paulo, participou ativamente do Movimento Tenentista, sendo nomeado major pelo general Isidoro Dias Lopes.

Às vésperas da revolução de 30, esteve com João Alberto e Siqueira Campos em Buenos Aires, para convidar Luís Carlos Prestes, lá exilado, a integrar o estado-maior das forças revolucionárias. Prestes, no entanto, recusou o convite, por entender tratar-se de uma revolução burguesa, frisando que já aderira ao marxismo.

Em 1930 fundou o jornal *Ação Liberal*, ligado ao Partido Democrático de São Paulo, importante órgão de propagação das idéias revolucionárias daquele período.

Vitoriosa a revolução, foi nomeado por João Alberto, que assumiu o Governo de São Paulo, Secretário de Segurança Pública. A seguir, assumiu o cargo de prefeito de Taquaritinga, no interior de São Paulo.

Advogado militante por mais de seis, ocupou também a direção geral da Secretaria da Fazenda de São Paulo, onde criou, nos anos 60, o Talão da Fortuna, campanha de vulto que visava combater a sonegação de impostos no estado.

Leitor contumaz, foi um apaixonado pelo universo dos livros, seguindo a tradição do avô paterno, Ignacio Corrêa, editor e livreiro espanhol que ainda jovem se estabeleceu no Porto, Portugal, onde foi um dos editores de Camilo Castello Branco.

Conhecia como poucos a história das duas grandes guerras do século XX, a cultura greco-latina e a obra de Eça de Queirós, escritor de sua máxima devoção.

Angelo Caio Mendes Corrêa Junior é professor e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo(USP).

Espirações Novas em *Depois do Tempo*

Caio Porfírio Carneiro

Pode-se dizer que Ludimar de Miranda inova e se renova de livro para livro. É de se dizer, igualmente, que isto é natural em qualquer poeta. Nem sempre. Há os que se repetem. E com a repetição, a criação poética perde o andamento da pujança criadora.

Este poeta, por ser de vertente voltada às suas raízes e ao Amor no seu sentido totalizante, retorna sempre com espirações novas, o visor de ambas muito abrangentes. Externa, por isto mesmo, uma certa palpação solidária, aquela solidão indefinível e fugidia, diversa da outra, que se perde em si mesma.

É uma poesia ricamente impressionista, eis que a amostragem panorâmica, seja interior ou exterior, é imediata, vem ao vivo em poucos versos simples, a simplicidade dos meio-tons, libertos de cadências formais. Por isto, muitas vezes se nota a inversão no corpo do poema: o descritivo aparentemente sobrepunhando a emanação poética, que flui em subjacência ao longo da criação. É a sua palpante maneira de versejar. É o seu “como dizer” poético.

Motivo porque alguns dos trabalhos em prosa – os contos – navegam em lirismo tênue, a poesia também vindo ao vivo em todos eles.

Até nos poemas mais prosaicos, herança dos poetas do modernismo de 1922, há um toque especial e ricamente humano. Nos poemas longos o poeta não se afasta muito do ritmo pulsante dos menores. É, assim, uma unidade criadora diversificada, uma prova a mais da sua personalíssima sensibilidade.

Ludimar de Miranda mantém uma aparente despreziosidade, que já vem dos livros anteriores; mantém, igualmente, o sopro amorável, o sortilégio romântico, a amenidade lírica.

Como citar exemplos dentre tantos poemas e contos aqui reunidos? Apenas para confirmação do que ficou exposto, citamos “O Perdulário e o Avarento”, poema em prosa ou prosa poética, onde o autor expõe a precariedade humana nas veredas da vida, pleno de emoções vividas e doídas. Citemos “Estou triste porque envelheço e a Primavera ainda não chegou”, porque o título, em si, já é um poema acabado. O elíptico “Sem se ser”, belíssima visão filosófica da vida.

Cada criação, inserida neste livro, é uma surpresa poética, particularmente pelos “achados”, que dão a nota universal a todas elas, pelo apanhado do cotidiano, pela unção às vezes quase de prece, sem aproximação religiosa ou apologética, pela benquerença até nas passagens mais sofridas.

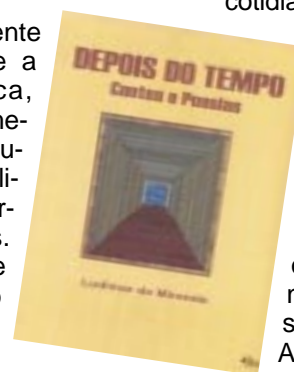
O autor caminhou muito na vida vivida, sentida, sem se despegar das suas origens e juventude. Mas isto não o jogou na redoma do saudosismo inconseqüente. Ao revés, tonificou-o de pujança e fluidez no sentir e plasmar as suas criações, dando-lhes belas cosmovisões.

Tal como ele diz no segundo verso do poema “Com licença”: “Como pingo de chuva que faz um rio...”, Ludimar de Miranda fez desta obra um relicato da alma, das lembranças do passado e do cotidiano que o cerca, inovando sua estética artística.

Este livro é emanação de vida, com suas virtudes e tropeços, caminho da arte escrita para a posteridade. Livro que caminha nos patamares da latejante poesia moderna, sem perder de vista a herança que a Arte de Deus, das escolas passadas, nos deixou.

Para melhor prova é lê-lo e conferir.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário, historiador e autor de *Trapiá*, entre outros livros.



SOBRE O OFÍCIO

Eunice Arruda

Por uma questão de fidelidade continuo o árduo, gratificante ofício de escrever poesia. Iniciado por acaso ou mesmo por uma profunda e desconhecida intenção. É um caminho quase invisível, fino como um risco de lápis sobre o papel, talvez para os outros. Para mim, uma certeza. Uma necessidade de captar as emoções, os pensamentos e devolvê-los depois ao mundo, transformados em outra linguagem: a da poesia. Poesia gerada pelo sentimento que vai sendo objetivado por procedimentos artísticos que impõem uma organização, de acordo com as normas e valores do presente e do passado.

Ao lado do previsível cotidiano, corre um outro aspecto, um outro rio: o poeta e seu nervo exposto que

morre e ressuscita em cada poema. Em cada poema escrito esgotamos o sentimento e ficamos depois, no escuro, as mãos vazias até o momento de outra criação. Assim, abraçados por múltiplas existências, seguimos perseguindo, buscando as palavras como uma felicidade atinável.

E o poema, que nasce desta experiência singular vai adquirindo novas dimensões na medida em que entra em contato com o público. É um segundo momento, quando a força – também criativa – do leitor faz com que ao poema se incorpore uma nova vida. Realizando sua trajetória no mundo, modifica algum caminho. Acrescenta. Por esta profunda, conhecida intenção, exerço o gratificante ofício de escrever poesia.

Eunice Arruda é escritora e poeta.

Alegre-se, poeta

O Dicionário de Rimas

Arrimo

Está à sua disposição

Encomenda:

Tel.: (11) 4035-2426

E-mail: lola@prtagarcia.com

Lei Municipal de Incentivo à Cultura da Prefeitura Municipal de Bragança Paulista

41.000 rimas

Frete Incluso

**Deposito em conta: Caixa Econômica Federal - agência 0293-013
conta poupança 8.020-5 - Maria de Lourdes Prata Garcia**

Haicais

de **Débora Novaes de Castro**

o tempo é de mangas
as abelhas banqueteadas
polpas amarelas

*

Cruzeiro do Sul
verde ouro luz fruta água
sedução latina

*

concha perolada
descoberta pelos ventos
soprar das areias

*

sol no nascente
licores de pitangas
manhazinha

Débora Novaes de Castro é escritora, poeta, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica - Intersemiose na Literatura e nas Artes. Tese: O HAICAI NO BRASIL: Comunicação & Cultura, Puc-SP, 2004. www.haicai.com.br.

Crianças vivendo na rua

Marigê Quirino Marchini

Alguma coisa há de errado
Em um país que deixa
Crianças morando na rua.

Alguma coisa errada
Na lei que prevê liberdade
Mas não segurança
Às crianças dormindo ao relento.

Que lua bela, lindas estrelas
Cobrindo
Menores dormindo
Ao relento.

Que feias faces, que más pessoas
Ignorando, ou até fingindo,
- Na terra do sabiá,
Na terra da infância querida
Na terra de Casimiro* –
Que não existem
Não existiram
Existirão?

Crianças vivendo na rua.

*Casimiro de Abreu: *Meus 8 anos.*

Marigê Quirino Marchini é escritora, poeta, crítica literária e tradutora.

RÉQUIEM PARA UM SEMEADOR

Paulo Bomfim

Há 110 anos, trágico 2 de junho de 1898, no pátio da fazenda de café, num trole que chegava com seus cavalos assustados, dois homens agonizavam. O fazendeiro e o troleiro que tentara defendê-lo, haviam sido vítimas de mais uma tocaia que ensangüentava a terra roxa da Mogiana.

Na varanda da casa-grande, uma criança contemplava a cena petrificada de horror.

A morte do meu avô marcaria para sempre a vida de meu pai, mesmo nos momentos de alegria, aquela brisa de tristeza traria das arcas do tempo o menino interno no colégio de Itu, esperando alguém que não voltaria nunca.

Com o assassinato de meu avô Francisco Rodrigues dos Santos Bomfim, ruía o império de suas fazendas espalhadas por São Simão, Cravinhos e Vila Bomfim.

Ainda hoje, antigos moradores da região evocam a lenda do “velho Bomfim” ante o neto que já tem idade para ser pai daquele “velho” que morreu com menos de cinquenta anos!

No cemitério de Cravinhos, ao pé da cruz do túmulo de Francisco Bomfim, jaz o troleiro velando pelo sono do fundador de cidades.

Às vezes, quando cai geada no coração do poeta, um trole surge com cavalos assustados e um sonho agonizando na boléia.

Sobre as mãos que teclavam esta crônica, pousam as mãos de meu pai e de meu avô. As de meu pai empunhando a pena ou o bisturi, salvando vidas e apontando rumos, as de meu avô, mãos de semeador de civilização, do senhor de terras a perder de vista, transformadas em rosas que o sangue foi tornando rubras.

Há 110 anos o avô espera por um réquiem de seu neto!

Paulo Bomfim é poeta, escritor e membro da Academia Paulista de Letras.

UMA BIOGRAFIA CONTEXTUALIZAÇÃO

Fábio Lucas

Após a leitura da obra de Luís Giffoni, *Dom Frei Manoel da Cruz* (Belo Horizonte, Pulsar, 2008), verifica-se que o autor é capaz de criar, a cada publicação, um ambiente facilitador do aplauso e admiração.

De um tema já trilhado na historiografia mineira, a vida e a época de Dom Frei Manoel da Cruz, primeiro bispo de Minas Gerais a inaugurar a diocese de Mariana, estabelecida em 1745 (de sua entrada triunfal na Capital da Província cogita o *Áureo Throno Episcopali*) temos uma das mais vigorosas dissertações acerca do episódio. O ficcionista e, agora, historiador, consegue iluminar o caminho percorrido pelo Frei Manoel da Cruz, agente, então, do clero e da nobreza, num cenário de saques, de exploração predatória, de arbítrio e de violência.

Realizada minuciosa pesquisa, sem demissão do poder de análise e de crítica, Luis Giffoni retoma o episódio de exibição ostentativa e o

reconta à luz de novas considerações, ato pelo qual devolve ao leitor substancial inquietação acerca dos eventos festivos que coroaram a pujante recepção do primeiro bispo da diocese mineira.

Dadas as circunstâncias investigativas e literárias do texto do autor de *Dom Frei Manoel da Cruz*, o que se tem é uma enérgica releitura do obscuro passado do ouro e dos diamantes da circunscrição territorial de Minas Gerais. A contribuição de Luís Giffoni é inestimável. À beleza do texto, crítico e aliciador, reverencia os leitores mais exigentes e habilitados da penosa formação da subcultura mineira no controvertido quadro da configuração da sociedade brasileira. Todas as honrarias e aplausos devem coroar o bem logrado estudo de Luís Giffoni. Digamos, em perfeita afinação com a obra: *Novum sydus emicat*. Ou seja: Brilha um novo astro.

Fábio Lucas é escritor, crítico literário e membro da Academia Paulista de Letras.

Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa

1- Assinale a alternativa correta quanto a grafia:

- Irei a um chá beneficente.
- Eles tem privilégios aqui.
- O acessor do prefeito chegou.
- Ela tem a sombrancelha pintada.
- Eles põem empecilho em tudo.

Resposta: E

Correção:

- Beneficente.
- Têm privilégios.
- Assessor.
- Sobrancelha.

2- Elas estão meio ou meias bravas?

Resposta:

Meios, pois é advérbio e é invariável.

3- Tenho um dó ou uma dó de você?

Resposta: Um dó – dó, significando pena é palavra masculina.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infanto-Juvenil* pela Universidade de São Paulo. portsonia@ig.com.br



www.xavir.com.br



EDITORA MANTIQUEIRA

Comunicação: *Jornalismo Opinativo*, José Marques de Melo; *Comunicação do Grito ao Satélite* (5a. edição) e *Legislação da Comunicação Social*, Antonio F. Costella; *Manual de Assessoria de Imprensa*, G. Lorenzon e A. Mawakdyie; etc.

Respeito à vida: *A Alma dos Animais*, Irvênia Prada; *Direito da Natureza*, Roberto Carramenha; *Vítimas da Ciência*, Tamara Levai.

Tel.: (12) 3662- 1832 - Av. Eduardo Moreira da Cruz, 295
Caixa Postal 42 - CEP 12460-000 - Campos do Jordão - SP
site: www.editoramantiqueira.com.br

50 POEMAS DE ARICY CURVELLO

Berredo de Menezes

O poeta Aricy Curvello resolveu premiar os admiradores da poesia com o seu novo livro, "50 POEMAS ESCOLHIDOS PELO AUTOR" (Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, dez. 2007).

Trata-se, sem dúvida alguma, de livro que traz uma grande beleza que o poeta decidiu dividir com seus leitores, pela seleção feita em suas quatro obras anteriores e inéditos da próxima, com versos que nos deixam muitas vezes em estado de estesia.

Apesar de nunca me haver dedicado à crítica literária, não posso conter o desejo de escrever a respeito dele cujo poema de abertura, "TUDO" (p. 9), uma parelha, um verdadeiro dístico, já é um início extasiante:

"viver o instante é tudo o que posso
viver o instante é tudo o que passa"

Duas páginas seguintes (11), vale a pena meditar, por inteiro, este outro fulgor :

"AQUI NÃO MAIS AQUI"

nem tudo o que sabemos
linguagem
nem tudo o que resta

: o pousar que recolhe
o que existe (a obscura mistura)
viver significa
- e é tudo
sobretudo"

O poeta trabalha muito bem com assonâncias, evitando rimas, conseguindo alcançar efeitos notáveis,

como o ritmo musical de

"CAMINHOS"

e havia um outro ar
sobre o ar, um outro fim de tarde
sobre a tarde que findava, e
havia
a música que não se ouvia,
vinda de outras casas.
um morrer e renascer de destino,
sobre caminhos findos havia outros

sem fim , por onde eu vinha,
mas a brisa dispersou
no sul
ao frio
teus olhos azuis tão longínquos."
(p.36)

Destaco, porque me tocaram flauta no coração, estes versos que escolhi no poema "INSCIÊNCIA" (p.42):

"qual um dia sem lembrança é
tão distante.
será, tudo será outro para sempre
perante a extrema solidão do poema."

Para impedir que o leitor desta resenha deixe de procurar o seu próprio violino nos "50 POEMAS ESCOLHIDOS DE ARICY CURVELLO", é impossível esquecer o da página 56, que vivo a repetir como se ouvisse um bandolim na alma:

"EU"

canção de uma só palavra
pássaro de uma só asa
cidades de uma só casa
uma só mão batendo palmas"
Finalmente, decidi extrair apenas este trecho do poema "CORREN-



TEZA", da página 68, que é mais um diamante de sua poesia:

"muito que temos por conhecimento
é só linguagem, porém

nada é só palavra:

o jamais cessado,
o eterno fugaz,

o princípio é o movimento,
a correnteza do efêmero."

Na certeza de que os leitores de Aricy Curvello vão descobrir muito mais encantamentos neste seu novo livro, concluo este modesto trabalho com a grande alegria de concordar com a apreciação valiosa de Fábio Lucas sobre o poeta:

"Assistido por uma afinada consciência verbal, proclama o otimismo dentro do pessimismo. Conhece a redenção pela palavra. Assume, por vezes, um tom maior de cantor de grandes espaços, universaliza a própria perda de rumos, a instauração do caos e a busca pertinaz de novos caminhos."

Acrescento, para concluir, que, ao concordar com Aricy Curvello, de que "tudo será outro para sempre, perante a extrema solidão do poema," acabei também me convencendo desta grande verdade que o poeta nos transmite com emoção controlada mas inexecedível:

"o verso existe para impedir o poeta de falar."

Berredo de Menezes é poeta e contista. Ex-prefeito de Vitória (ES). Professor universitário aposentado (UFES). Membro da Academia Espírito-santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

QUERO A PAZ

Carlos Frydman

Quero a paz
dos campos prenhes,
dos corações dádivosos e deslumbrados.

Quero a paz
das sólidas rochas
onde os tufões se rechaçam.

Quero a paz das colheitas
com destinos certos
onde braços e bocas aguardam
porque plantaram.

Não quero a paz
dos cabisbaixos
como cães amedrontados.

Porque a paz dos medos
É a paz dos afogados.

Quero a paz do canto solto
porque a paz dos temerosos
é loucura do silêncio
de vidas amortalhada.

A paz só tem grandeza
quando o amor é imenso.

Carlos Frydman é escritor, poeta e autor de *Trilogia das Buscas*, entre outros livros.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

José Jorge Nogueira Mello

Advocacia Civil e Agrária



Tel.: (11) 3337-6679

Rua 24 de Maio, 35 - Cj. 1509 São Paulo - SP - 01056-900

Profa. Sonia

Aulas
Particulares

Revisão
Digitação

Tel.: (11) 2796-5716

Portsonia@ig.com.br

O Brasil é a nossa criação.

Lea von Hrabovsky

Livros e Lançamentos

Janela da Liberdade e Outras Histórias, de Hildebrando Pafundi, Espaço Idea Editora, Guarulhos, SP, 48 páginas. O autor é jornalista, escritor, membro da Academia de Letras da Grande São Paulo e da Academia Popular de Letras. A obra, ilustrada pelo desenhista e artista plástico Alex Alves, reúne três contos que levam o leitor a uma fantástica viagem ao universo maravilhoso da criança. **Editora Espaço Idea:** www.editoraespaçoidea.com.br. **Onde Comprar:** Livraria Nobel, Shopping ABC - Tel.: (111) 4979-5670. **Hildebrando Pafundi:** hpafundi@ig.com.br



O Intelectual do Ano. E um episódio em 68

Nildo Carlos Oliveira

O cenário recompôs, aos poucos, a memória. Foi naquele salão nobre. O mesmo onde o crítico Antônio Cândido recebia, no dia 20 do mês passado, o *Prêmio Juca Pato* de Intelectual do Ano. O mobiliário austero, produzido pelo Liceu de Artes e Ofícios, o pé direito elevado e, na parede, atrás da mesa onde o crítico pronunciava o seu discurso de agradecimento, reafirmando a sua convicção socialista, o mesmo quadro: D. Pedro 2º, de corpo inteiro. Pelas escadarias, a visão dos vitrais de Conrado Sorgenicht.

O repórter, que ouvia Antonio Candido afirmar – "... não posso ir adiante sem mencionar que na redação da *Folha da Manhã* conheci ninguém menos que o inventor do popular *Juca Pato*" – lembrou-se também do jornal que, um dia, talvez em junho de 1968, reproduzira o pensamento expresso na matéria que ele deixara, na madrugada anterior, na mesa do secretário da redação, e que se relacionava com o quadro onde aparecia a figura soberana de D. Pedro 2º.

A memória se ajustava, reconduzindo-o ao tempo de repórter. Sim, ele estivera na Faculdade do Largo de São Francisco, naquele mesmo salão nobre onde agora assistia à solenidade de entrega do prêmio ao crítico notável, um dos fundadores do Partido Libertador, surgido ali em 1939.

Há exatamente 40 anos os estudantes tinham ocupado a secular faculdade reivindicando mudanças no ensino de ciências jurídicas e sociais, colocando-se na linha de frente dos que lutavam contra a ditadura. Manifestaram-se contra Gama e Silva, reitor, que meses depois se revelaria autor do texto do AI-5, e contra Alfredo Buzaid, diretor da faculdade e, mais tarde, ministro da Justiça.

Os discursos ganhavam emoção com a notícia de arbitrariedades desencadeadas em outras capitais, sobretudo no Rio de Janeiro. Em todo o País se montava o cenário com o qual o regime justificaria a promulgação do AI-5. A partir dali, se intensificaria, em especial contra operários e estudantes.

Naquela noite a discussão entrou madrugada adentro. O repórter anotava os fatos. Às vezes não resistia: queria participar dos debates. Interferir, para mostrar também a sua inconformidade com a quebra da legalidade. De qualquer modo, os jovens pareciam falar por todos, em um momento em que o medo pesava nas casas e nas ruas.

Não o lembrava mais os rostos dos estudantes do Centro Acadêmico XI de Agosto que se revezaram nos discursos, naquele salão nobre e nos demais espaços por onde passaram os poetas Álvares de Azevedo e Fagundes Varela e tribunos que continuavam a fazer escola, como o ícone maior: o professor Goffredo da Silva Telles.

Antonio Candido

Luzia Elaine de Souza Roman

Mas o medo se insinuava. A polícia fora mobilizada para desalojar os estudantes e a qualquer momento entraria ali com cachorros, bombas de efeito moral e cassetetes. No tumulto, os jovens procuravam uma solução. Como bloquear as forças policiais? De repente, uma idéia. Ela cresceu entre eles e chegou à mesa. Então um estudante pediu a palavra e anunciou: "Há uma sugestão aqui. Que peguemos o quadro de D. Pedro 2º e o coloquemos na barricada, na entrada da faculdade. Imagina-se que diante da figura do Imperador e da beleza do quadro, a polícia pensará duas vezes, antes de fazer a besteira de invadir o prédio". De imediato, a idéia ganhou adesão. E, num piscar de olho, o quadro foi removido da parede, com todo o cuidado possível e carregado para a entrada do prédio.

O repórter levou para a redação notícia insólita. Narrou as deliberações da assembléia decidido a retornar à faculdade para cobrir o desfecho. Contudo, depois de aprontar a matéria, não suportou o sono e dormiu sobre a máquina, uma Remington antiga. Não acompanhou o desenvolvimento da fase final de seu trabalho. Apenas ouviu de um colega, ao estremunhar pela manhã, que já ia alta: "Poxa, a sua matéria rendeu, hein? Vai dar manchete".

Na pressa em retornar ao Largo de São Francisco, nem se preocupou com os textos da edição vespertina, que estavam na oficina. Somente mais tarde, quando pôs os pés na faculdade – e com o jornal, edição da tarde, já em circulação – é que se deu conta de que os estudantes liam e riam diante da manchete do jornal, encaixada sobre a foto do quadro de D. Pedro 2º. Era a seguinte: "**D. Pedro 2º na defesa das Arcadas**".

Os estudantes só saíram dali 26 dias mais tarde, depois que a diretoria ganhou na Justiça a reintegração de posse. O fato foi mais um dos episódios daquele inconcluso 1968.

Nildo Carlos Oliveira é escritor e jornalista.



A JANELA, de Tarcisio Lage, Scortecci Editora, São Paulo, SP. A obra é o segundo romance de uma trilogia, que tem como pano de fundo o mesmo ambiente, a vida em Santo Antonio das Tabocas, uma cidade fictícia de Minas Gerais. Os livros que também fazem parte da trilogia são *Os Muros de Jerusalém e Eu, Cidade*. O autor, natural de Minas Gerais, mora na Holanda onde se aposentou na função de coordenador da Seção Brasileira da Rádio Nederland, emissora internacional da Holanda, em Hilversum.

Onde Comprar: Scortecci Editora - <http://www.asabeca.com.br/home.php>

Anima Animalis voz de bichos brasileiros, poemas de Olga Savary, Editora LetraSelvagem, Caraguatatuba, SP, 152 páginas. A obra, ilustrada com gravuras de Marcelo Frazão, apresenta poemas e haicais da autora. Olga Savary, escritora, poeta, ficcionista, ensaísta, tradutora e jornalista, foi laureada com o *Prêmio Jabuti* e com o de tradução da Academia Brasileira de Letras. O livro faz parte da *Coleção Sentimento do Mundo*, que é organizada por Nicodemos Sena. **LetraSelvagem:** Rua Manoel Borba Gato, 115 - cj. 602 - Martim de Sá - Caraguatatuba - SP - 11.662-050. Tel.: (12) 3883-5059. Site: www.letraselvagem.com.br



Especializada em importação direta de livros portugueses.



Prazo de entrega: 15 dias.

Livros de todas as áreas de editoras portuguesas, Cds, artesanato e galeria de arte.

Desconto de 10% para advogados, juristas, professores e estudantes.

Galeria Louvre, loja 20 - Av São Luis, 192 Centro - São Paulo - SP

E-mail: coimbramartins@uol.com.br

Tel.: (11) 3120-5820 - Telefax: 3258-9105



Ruth Guimarães tomou posse no dia 18 de setembro na Academia Paulista de Letras. A acadêmica foi eleita no dia 5 de junho, com 30 dos 34 votos válidos, para ocupar a cadeira nº 22, que pertenceu a Odilon Nogueira de Matos. A autora de *Água Funda* é tradutora, romancista, revisora, crítica literária, cronista, repórter, folclorista, dramaturga e poeta.

Luiz Paulo Horta, jornalista e crítico musical, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras com 23 votos no terceiro e último escrutínio. O novo acadêmico sucederá a escritora Zélia Gattai e ocupará a cadeira que pertenceu a Machado de Assis.

Projeto Leitura para Todos, instituído pelo Instituto Oldenburg de Desenvolvimento com apoio do Ministério da Cultura, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, implantará 122 salas de leitura em cidades do interior dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, São Paulo, Goiás, Pernambuco e do Distrito Federal.

A **Livraria Cultura** inaugurou no dia 10 de setembro uma loja no Conjunto Nacional, em São Paulo, que venderá apenas títulos da Companhia das Letras. A editora tem 2.500 livros no seu catálogo, que ficarão expostos para venda na nova loja.

Décio Teobaldo, escritor e jornalista, foi laureado com a obra *Pivetim – Um romance proibido* na quarta edição do *Prêmio Barco a Vapor*, que é destinado a originais de literatura Infantil e Juvenil.

Charles Kiefer será o patrono da 54ª edição da Feira do Livro de Porto Alegre, que acontecerá de 31 de outubro a 16 de novembro na capital gaúcha.

Benedicto Ferri de Barros, professor, poeta, jornalista, empresário, ensaísta, polímata e membro da Academia Paulista de Letras, faleceu aos 88 anos, no dia 12 de setembro, em São Paulo. O autor de *Que Brasil é este? - Um depoimento* foi membro da Academia Internacional de Direito e Economia.

Aricy Curvello foi um dos poetas escolhidos para participar *Antologia Oficial da I Bienal Internacional de Poesia de Brasília*, lançada pela Secretaria da Cultura/Governo do Distrito Federal e Biblioteca Nacional de Brasília.

O Ponto de Leitura Olido, inaugurado no mês passado, abriga uma minibiblioteca com um acervo de aproximadamente 3 mil títulos de livros e periódicos. O novo ponto de leitura funciona de segunda a sexta, das 10 h. às 18 h., à Avenida São João, 473 – Térreo. Informações pelo telefone (11) 3397-0158.

Notícias

A **Câmara Brasileira do Livro** e a **Secretaria Municipal de Educação de São Paulo** assinaram convênio, no dia 9 de setembro, para ampliar o *Programa Minha Biblioteca* a estudantes de 5ª a 8ª séries e atender 484 escolas da cidade de São Paulo. Será distribuído 1 milhão de livros para 520 mil estudantes das escolas públicas da capital. A Secretaria Municipal de Educação investiu R\$ 10 milhões para a aquisição de 202 títulos de 63 editoras.

Walcyr Carrasco, escritor, cronista, teatrólogo, novelista e jornalista, tomou posse na Academia Paulista de Letras, no dia 4 de setembro, para ocupar a cadeira nº 14, antecedida pelo poeta Cyro Pimentel.

A **Livraria da Vila** foi laureada com o *Prêmio ABRESCE 2008* como a melhor livreria de São Paulo. O prêmio foi outorgado pela Associação Brasileira de Shoppings Centers.

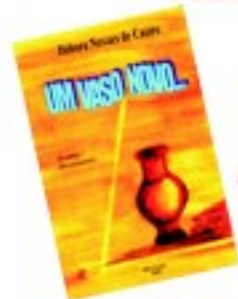
Jorge Tufic lançou *Guardanapos Pintados com Vinho* no dia 28 de agosto, no Ideal Clube de Fortaleza.

Henriette Effenberger lançou *Linhas Tortas*, livro de contos que foram premiados em concursos literários, com o patrocínio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura. A quarta capa foi escrita por Ignácio Loyola Brandão.

A **Revista A Cigarra**, editada por Jurema Barreto, está com um novo formato na edição nº 42 para celebrar os 25 anos de existência e resistência na sua trajetória poética. Informações através do e-mail: acigarra@ig.com.br. Caixa Postal 214 - Santo André - SP - Brasil - 09015-970.

A **Medalha Jorge Amado**, instituída pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro em comemoração Jubileu de Ouro da entidade, foi outorgada àqueles que se destacaram na literatura brasileira. Foram distinguidos Antônio Olinto, Stella Leonardos, Eduardo Portela, Helena Ferreira, Cláudio Murilo Leal, Antonio Carlos Secchin, Anna Gasque, Sérgio Jerônimo, Luiz Gondim de Araújo Lins, Amélia Esparano, Astrid Cabral, Levi Bucalem Ferrari, Sônia Sales, Caio Pofírio Carneiro, Alice Spíndola, entre outros. Stella Leonardos e Antonio Olinto, fundadores da UBE/RJ, foram eleitos ícones do Jubileu de Ouro.

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - CATAVENTO
MOMENTOS - SINFONIA DO INFINITO
COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA.

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES
- SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS -

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Opções de compra: via telefax (11) 5031-5463

Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo Cep 04634-040 -

E-mail: debora_nc@uol.com.br e Site: www.vipworkcultural.com.br

LIVRARIA BRANDÃO



Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br



Moda Belíssima

Roupa Européia

Tel.: (11) 3129-9511 com qualidade e elegância.

Av. São Luis, 192 - loja 22 - São Paulo - SP - 01046-000

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tel.: (11) 2693-0392 - 7358-6255